

## BOM TRABALHO EM BONN

**Roberto Rodrigues \***

Mais uma vez os países de todo o mundo estão reunidos, desta vez em Bonn, na Alemanha, para discutir os mecanismos que devem implementar para reduzir as emissões de gases de efeito estufa com o objetivo de mitigar as mudanças climáticas que produzem o aquecimento global. Trata-se da COP 23.

Na COP 21 realizada em Paris em 2015, o Brasil se dispôs voluntariamente a cumprir metas ambiciosas (NDC) em comparação com outros países em desenvolvimento e até países ricos: tomando por base as emissões de 2005, nosso compromisso é reduzir as emissões em 37% até 2025 e ainda mais, chegar a menos 43% até 2030. Este compromisso foi reafirmado no ano passado no Marrocos e será agora avaliado de novo.

Em boa parte, devido aos problemas políticos e econômicos dos anos recentes, os avanços internos para a implementação destas metas têm sido modestos. Até mesmo a discussão em torno de supostas inconstitucionalidades do Código Florestal em andamento no STF, ou a indefinição em torno do PRA em alguns estados da Federação, perturbam as ações necessárias para isso, em função das incertezas geradas.

Mas é preciso superar estas dificuldades para não pôr a perder as metas que assumimos.

O maior controle do desmatamento, a aplicação mais vigorosa dos programas do Plano ABC - Agricultura de Baixo Carbono, e sobretudo os estímulos que adviriam de um consistente Pagamento por Serviços Ambientais são temas que devemos enfrentar.

Também a maior participação da agroenergia com seus biocombustíveis e bioeletricidade está prevista. Não custa lembrar que o etanol de cana de açúcar emite apenas 11% do CO<sub>2</sub> que emite a gasolina. Este é um ponto que está na "marca de pênalti" para ser resolvido, com a possibilidade de implementação do RenovaBio, um ótimo plano governamental para retomar a produção de energias renováveis de origem agrícola, cuja principal característica é a previsibilidade, garantindo ao setor privado a confiança para voltar a investir no setor tão desestabilizado no governo anterior.

Mas o Plano ABC pode evoluir muito. Um de seus programas, a Integração Lavoura/Pecuária/Floresta vem crescendo mais nos últimos 2 anos, e hoje já existem, de acordo com a Rede de Fomento iLPF, 11,5 milhões de hectares com esse modelo de sistemas integrados de produção: nas regiões Sul e Sudeste, e em parte do Centro-oeste, chove no inverno, permitindo duas safras de grãos por ano. Planta-se a soja, o algodão ou o milho no verão e depois o trigo, o sorgo, feijão ou o chamado milho safrinha no inverno. Mas em outras partes do Centro-Oeste, no nordeste e no leste, não chove no inverno, impedindo outra safra de grãos. A Embrapa desenvolveu uma tecnologia que permite ter duas safras por ano também nestas regiões: planta-se a cultura de verão e ao fim do ciclo semeia-se capim, de modo que quando a colheita termina, o solo está coberto por pastagem verde e rica pasto convencional já estaria secando. E aí vem a segunda safra: carne bovina. Um verdadeiro ovo de Colombo.

Mas o que precisamos mesmo é do pagamento por serviços ambientais (PSA), um mecanismo pelo qual a árvore em pé valerá mais do que cortada, e estimulará o plantio de florestas. Também trará um ânimo maior para o ABC, visto que pasto plantado sequestra carbono e reduz emissões. E este PSA depende de resolução no Congresso, como parte da regulamentação do Código Florestal.

Enfim, espera-se que o Brasil continue fazendo boa figura em Bonn, especialmente num momento em que os Estados Unidos reduzem seu apoio ao tema ao invés de buscar a sua redução de emissões.

E também se espera que os países desenvolvidos cumpram compromissos já assumidos há tempos, como a transferência de recursos tecnológicos e financeiros para os países em desenvolvimento para que esses implementem ações que reduzam os impactos das mudanças climáticas. Para isso já foi criado o Fundo Global para o Meio Ambiente, estabelecido pelo BIRD, pelo PNUD e pelo PNUMA, em que seriam destinados recursos a fundo perdido aos países mais pobres, inclusive em programas de apoio à biodiversidade e à poupança de água. Mas se os Estados Unidos não entrarem no Fundo para valer, seu futuro é incerto.

Na semana que vem saberemos o que se resolveu em Bonn.

**\* Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**